

## A CONFUSÃO DO MOMENTO

# A NOSSA ATITUDE É APENAS DEFENSIVA

Alguma coisa se prepara na sombra. Quem dirige o movimento? Que facção o organiza e contra quem?

Há muito que se fala num movimento das direitas, espécie de mus-solinada portuguesa, que se iniciaria com a queda do actual go-vérno. Mas veem agora os jornais monárquicos e proclamam que é o go-vérno quem quer fazer um golpe de Estado, preparar uma mani-festação à Sérvia, fazer um go-vérno pessoal.

Qual a versão verdadeira?

O que sabemos é que os primei-ros que esboçaram uma atitude de rebelião e acentuaram a sua acção revolucionária contra o Estado fo-ram os elementos conservadores. O Século foi dos primeiros jornais a proclamar a guerra ao go-vérno, em termos os mais violentos e destoan-do da sua habitual linguagem. Os jornais monárquicos não se cobri-ram de atacar as instituições e fi-zeram-no durante o último período com um entusiasmo em que bem se apercebia que os animava a espe-rança de que alguma coisa útil à sua causa se iria produzir.

Mas o próprio Século há pouco ainda anunciava para quem o quie-ria ler que embora o go-vérno resis-tisse às direitas, acabaria por ser derrubado por estas e revolucioná-riamente. E agora a Epoca, ligada a toda a horda reaccionária, afirmava que estava na forja um movimento revolucionário dos conservadores. Não parece, pois, tudo indicar que o boato do golpe de Estado feito pelo go-vérno não passa dum truque para justificar a pretensão duma resistência prévia por parte dos con-servadores? Sabendo-se a relutância que o país manifesta para as revo-luções políticas, sobretudo com o carácter da que as direitas preten-dem fazer, procuram estas justificar o seu movimento como uma defesa contra certos maneios do go-vérno, que podem não passar duma in-venção.

A atitude do operariado essa está de há muito perfeitamente definida: é uma atitude defensiva. Não promove qualquer conflito, nem se presta a realizar qualquer acto re-

volucionário como iniciativa dum movimento embora com um objec-tivo radical. Mas não deixará, é bom que as forças vivas o saibam, de se defender contra as investidas duma reacção política e económica como a tem proclamado declaradamente os próprios jornais reaccionários, com o Século à frente.

Os operários compreendem muito bem que todas as suas regalias fica-riam inutilizadas se triunfasse um movimento das direitas. Se um tal movimento vier para a rua é da obrigação da massa operária defender-se dele e empregar todos os es-forços para que ele seja esmagado.

A primeira condição para agir é pois a de se tomar pé em toda esta confusão que propositadamente es-tão espalhando as forças vivas. Sa-bido que se trata de facto dum golpe das direitas, o nosso dever e o nosso próprio interesse impõe-nos uma atitude de defesa, para man-termos as liberdades conquistadas e evitarmos uma reacção tremenda como a que se realizou na Itália e na Espanha.

Se se trata de uma "intentiona", de uma "bernarda" provocada pelo go-vérno, deve o operariado abster-se de imolar ingloriamente as suas vidas por uma causa que em nada o beneficiará.

Que todos os operários estejam pois vigilantes e dispostos a resistir ao primeiro grito dos chacais, que não contentes com o sangue que nos tem sugado pretendem aumen-tar ainda a sua infame exploração. Mas que se não esqueçam que nunca como nas horas graves e decisi-vas são tão necessários a calma e o raciocínio.

Temos como profundamente pre-judicial à nossa causa, neste mo-mento delicado, qualquer precipita-ção ou exaltação isolada. Sabemos que dinheiro a rodo tem sido espalha-do por mãos mercenárias para pro-vo-car actos que justifiquem perante a opinião pública uma feroz reacção. Que a dar-se esse acto que os agentes fiquem bem a descoberto. A atitude do proletariado deve ser, nesta emergência, exclusivamente defensiva.

## Uma vitória de "A Batalha"

Devido aos protestos do nosso jornal vai ser criado na Praia da Aguda um Posto de Socorros a Naufragos

Dos pescadores da praia da Aguda rece-bemos a seguinte carta:  
Sr. director.—Em nome de todos os pes-cadores da Praia da Aguda, em número de mil aproximadamente, veem os marítimos abaixo assinados agradecer a V. o interesse que A Batalha tem tomado na defesa dos nossos interesses desde a tragédia que, há pouco ainda, enlutou toda a nossa classe; pois ao seu jornal apenas se deve a breve criação nesta praia do Posto de Socorros a Naufragos e a adaptação de uma "sirene", que a junta de freguesia se propõe arran-jar.

Pedimos a V., em nome de todos os nos-sos camaradas e suas numerosas famílias, que continue reclamando outros benefi-cios para esta praia, o que muito agrade-cemos  
Aguda, 30-1-1925.  
Pelos pescadores da Praia da Aguda (aa) Hernani Pinho Pinhal, Francisco Alves do Novo, Francisco Ferreira Maru, Manuel da Piedade, Francisco Moreira Mucha, Manuel Ferreira da Costa, José Ferreira Morais, Emílio do Pinho Pinhal, Francis-co Ferreira de Bastos Balheirinho, Adriano Pinho Pinhal e Claudino Pinho Pinhal.

N. R.—Cumpre-nos transmitir ao nosso correspondente da Praia da Aguda os agra-decimentos acima, pois sem a sua preciosa e inteligente colaboração não teríamos ob-tido este lisonjeiro resultado.

## Contra o movimento das forças vivas

### Uma reunião em Almada

Os revolucionários sociais reúnem hoje, pelas 19 horas, na sede do S. U. C. Civil de Almada, para apreciarem a pretensa ditadura patronal.

## NA RÚSSIA

### Diminuiu a produção do álcool

REVAL, 2.—Kamenoff discursando em Moscou frisou que na Rússia, produz-se agora apenas cinco por cento da quanti-da-de de álcool produzido antes da guerra. —(R.)

## EM SÃO BENTO

# Os agentes parlamen-tares das forças vivas

estabeleceram ontem a desordem no parlamento preparando o ambiente para a ditadura da rua dos Capelistas

O que ontem se passou no parlamento define-se com uma palavra: tumulto. Ele foi bem o reflexo do tumulto das paixões, ba-ixas, mesquinhas e inconfessáveis — que eles já patenteiam demasiado — que absorvem uma boa parte da chamada representação nacional.

Uma parte do parlamento está fazendo aberta e confessionalmente a defesa dos in-teresses inconfessáveis dos banqueiros e das forças vivas.

Desde a celebre questão bancária, que ainda dura, que os elementos conservado-res, na sua maioria fellos com os maiores exploradores do povo, provocam no parla-mento a chicana e o escândalo porque não podem perdoar ao go-vérno a para não ainda moderada, atitude que tomou em face dos maneios imorais com que a oligarquia financeira vem ferindo impunemente o país.

Ontem, desvergonhadamente, houve par-lamentares que fizeram — apenas no intuito de estabelecer confusão — uma guerra brutal ao go-vérno, porque julgaram ferir nele as aspirações de justiça que o povo explorado alimenta.

Nas galerias do público, o povo que ali acorreu em desusado número não pôde conter-se e protestou, dando a alguns de-putados que mais se distinguiram na sua atitude antipática, da qual resultava um apoio aos Bancos e às forças vivas, as clas-sificações que mereciam.

—Miseráveis! Bandidos! Traidores! — eram os gritos que ecoavam na vasta sala da câmara dos deputados.

E quando Cunha Leal, em cuja voz as mais ignominiosas atitudes dos banqueiros encontram defesa, se levantou para falar, o grito de viva a república e abaixo Cunha Leal fez-se ouvir, dominante, estabeleceu-se a perturbação nos espíritos desse-ando-representantes que, fazendo do parla-mento uma imunda casa de negócios, tor-cessem, atraíam a nação em cujo nome pro-clamam as maiores infâmias e profere os

## CONTRA A DITADURA DOS EXPLORADORES DO POVO!

# Aos operários e camponeses actualmente mobilizados

Camaradas operários e camponeses soldados e marinheiros, escutai-nos.

Vós ainda nos conheceis. Somos pais e filhos de trabalha-dores como vós.

Por certo que a farda que fostes obrigados a envergar não vos fez esquecer a vida miserável que, quando crianças e já adolescentes, vistes no vosso lar humilde. O facto de consti-tuídes hoje, e temporariamente, transitariamente apenas, uma classe aparte, não vos fez esquecer que sois filhos da grande família de trabalhadores, vítima explorada, miserável sempre... Escutai-nos, pois.

Os grandes exploradores da Finança, do Comércio, da Indústria e da Agricultura — causadores das torturas que alanc-eiam os entes queridos que de lá, das vossas aldeias distan-tes, vos olham com olhos de anejo e de saúde — preparam para breve uma revolução tendente a estabelecer em Portugal uma ditadura como as odiosas que existem na Itália e na Es-panha, a fim de, pela opressão despótica exercida sobre todo o povo, poderem enriquecer ainda mais, explorando-nos, roubando-nos, envenenando-nos mais ainda, tripudiando no crime e na crápula, livre e impunemente. Ora, se a vida do povo trabalhador e consumidor, donde saístes e para onde voltareis terminado que seja o vosso serviço militar, é, no actual regime, dolorosa e difícil, podereis imaginar o que ela será num regime em que a resistência à exploração e ao roubo dos financeiros, dos comerciantes, dos industriais e dos agri-cultores, fôr impossível pela supressão violenta de todos os meios de protesto, de coesão e de defesa.

Para essa revolução, que trará como consequência essa ditadura patronal, contam essas perniciosas oligarquias finan-ceiras com alguns oficiais do exército e da marinha que — uns pelo seu espírito conservador, monárquico, e ódio à república, outros por que são também comerciantes, industriais e agri-cultores — veem com simpatia a ditadura fascista de que vós haveis de ser também directamente vítimas.

Por sua vez, esses oficiais fascistas — que poucos são, diga-se de passagem — contam com a vossa obediência cega e com a vossa ignorância dos verdadeiros objectivos da revolução para que eles vos hão-de convidar, iludindo-vos, enganando-vos, ludibriando-vos. Assim, eles invocarão, como é costume, os interesses da Pátria, da Ordem e quiçá da República para arremessarem-vos contra os vossos irmãos de miséria.

Não acrediteis neles. Não é a Pátria nem a República que, nesta hora, está em perigo; e se a Ordem é ameaçada não é, neste momento, o povo que a ameaça — são os banqueiros, os comerciantes, os industriais, os agricultores e os políticos la-caios das oligarquias financeiras, que a perturbam e a querem subverter porque veem em perigo o seus interesses parti-culares.

A's exortações que vos dirigirem esses tais oficiais fascis-tais vós — respeitando precisamente o próprio juramento que prestastes à bandeira — deveis recusar-vos a acompanhá-lo, porque a obrigação que vos impuzeram não foi defender os interesses particulares de ninguém, os negócios ilícitos dos Bancos e das Associações Comerciais, Industriais e Agrícolas; não foi arriscar a vossa vida em defesa de maior lucro das forças-vivas — esses autênticos inimigos da nacionalidade, que levaram a sociedade portuguesa à ruína pela sua incapacidade de organizar e explorar convenientemente os recursos natu-rais e as energias produtoras, e de facilitar os meios necessá-rios de existência à população do país.

Camaradas soldados! Camaradas marinheiros! Os trabalha-dores das oficinas e dos campos preparam-se para a mais efica-z e violenta defensiva contra os maneios fascistas das "for-ças-vivas". A classe operária prepara-se para combater com energia a ditadura com que os seus exploradores a pretendem subjugar. Vós deveis vir também em reforço dessa luta dos vossos irmãos operários e camponeses. Sim; vós protestareis connosco contra a ditadura que se premedita, e da qual sereis também vítimas como membros que sois da grande família de trabalhadores.

A ditadura é preciso opôr a frente única de combate dos operários e camponeses, quer eles estejam na oficina, nos cam-pos ou na caserna!

Operários e camponeses actualmente mobilizados: Vós confraternizareis com o proletariado!

2 de Fevereiro de 1925.

O Comité Confederal

## A ALIMENTAÇÃO PÚBLICA

# Continua a escassear o pão em Lisboa

## Porque não são os trigos exóticos trans-portados em navios portugueses?

Continua a ser escasso e de pior quali-dade o pão em Lisboa. O conflito entre os padeiros independentes e a moagem man-tem-se.

A cerca deste assunto a direcção do Sin-dicato dos Manipuladores de Pão tomou resoluções, no sentido do Sindicato se man-ter alheio aos conflitos existentes entre os industriais e o ministro da Agricultura, li-mitando-se a classe a fazer todo o possível por não se interromper o abastecimento do pão ao público.

Tocando no assunto dos transportes de trigo escreve-nos um oficial da marinha mercante pedindo-nos que indagamos a razão porque o ministro da Agricultura se recusou a tomar em consideração o estudo que lhe foi apresentado para ser feito em vapores portugueses o transporte de todo o trigo importado durante este ano. Diz também que devíamos propor uma mani-festação de todas as classes da marinha mercante, obrigando por este meio o go-vérno a transportar o trigo consumido em

## CARTA DO PORTO

# A grande miséria dos banqueiros...

A Moagem lamenta-se e ameaça  
— deixar a cidade sem pão —

PORTO, 1.—A moagem, a empobrecida moagem portuense, também está presente-mente com as meninas dos olhos afoga-das...

E não falta, é claro, quem dê carradas de razão às aflitivas lamúrias da sacrificada moagem...

Os Bancos igualmente encontraram, na imprensa tripeira, um Zé Ninguém desin-teressado que lhes defende as suas virtu-idades, a sua linha de conduta tradicional sobre a sua impecável lisura no pano verde dos jogos da bolsa...

Ah! proclama o arauto da honradez ban-caria, "se se examinar a fria a situação, vê-se facilmente que as fortunas dos ban-queiros, embora criassem volume pela des-valorização da moeda, não tem crescido notavelmente: — são ricos porque já o eram..."

Nasceram em bérçes doirados metidos em áreas de ouro, tal qual nos contos das mil e uma noites da calábrica xanpiraga... Nasceram eles e os seus ascendentes... Toda uma árvore genealógica de comprovada seriedade e felicidade...

## Os banqueiros estão inocentes e empobrecidos

Assim, segundo Zé Ninguém, os Bancos, como a moagem, não tendo enriquecido, tem sido vítimas do Estado e do Parla-mento, o qual, visto "que de forma alguma representa o sentir da nação", cometeu a estupidez de aceitar o "mostrengo" da "força bancária"...

A disculpa e a condenação só se ergue-ram: a respeitável oposição monárquica, o sr. Vasco Borges e o capitão Cunha Leal, o "ex-bolxevista" que, em tempos de foga-sidade charlatanesca, condenou, com toda a sua tesura de bravo militar, a anti-patriótica atitude dos Bancos, mai-la a sua conde-nável e torpe especulação da chuchadeira das cambiais...

Belas épocas de apresentação em públi-co... E, na verdade, quem olhar para a sumptu-osa conglomeração de edifícios bancários, magestosamente erguidos no recinto a que há-de pôr o nome de avenida dos Aliados, verá logo toda a emocionante pobreza a que estão submetidos os nossos "desgra-çados" banqueiros...

Agora quem tem enriquecido bestial-mente — no parecer de Zé Ninguém — é o campo industrial: homens que nada tinham há pouco, são agora multi-millionários, cujas "fortunas criadas rapidamente só po-diam ser feitas à custa da colectividade, e isto já é odioso, porque tais fortunas são feitas de lágrimas, de privações, de misé-rias..."

E já que à "roda d'esses industriais, a formar-lhe corte, vejam todos, por-que nesta aldeia todos nos conhecemos — homens de todas as classes, médicos, advo-gados, anónimos sem valor reconhecido, que nos sujam com a lama dos seus automóveis e nos afrontam com a exibição da sua ri-queza mal adquirida — é justo que o go-vérno poupe os banqueiros, que andam sempre a pé, que não possuem sequer uma carroça do lixo, e coleccionem essas "fortunas criminosas", indagando-lhes a origem e pon-do cobro ao desfalco...

## A Moagem encontra-se empobre-cida e sofredora

Quem não é muito desta opinião é o de-mocrático sr. Manuel Pinto de Azevedo, que, aliás, é amigo dos srs. Pinto e Soto Mayor.

O mesmo sucede com a moagem, a qual, visto que não se atende ao seu pedido de se "acabar com esta tormenta constante em que se debate esta indústria, a mais sacrifi-cada por tudo e por todos — se vê na ne-cessidade angustiosa de comunicar ao pú-blico de que "a moagem do Porto não pode nunca ser atribuída a responsabilidade na falta de abundância de pão, que porventura possa vir a dar-se..."

Vai, portanto, acontecer aqui o que ocorre em Lisboa, 1.º porque a quando da lei ce-realiária actualmente em vigor, foram nas fábricas colhidos de surpresa grandes stocks de trigo nacional e exótico adquiridos por preços elevadíssimos, sendo, depois, a "in-dústria forçada a vender os seus produtos por uma tabela inferior", suportando, além dos prejuízos que tal facto originou, uma séria perturbação no mercado, paralisando todas as transacções;

2.º porque a "moagem do Porto não con-segue trigo ao preço da tabela", não rece-beu um quilo de trigo exótico "prometido pelo go-vérno e é cercada de peias como que a tolher-lhe os movimentos e a estran-gular-lhe a voz quando vai afirmar que o Porto é da mesma pátria que Lisboa;

3.º porque o poder central não dá para a moagem do Porto o mesmo regime que concede para a moagem de Lisboa, embora esta, não contente com ele, decrete a falta de pão...

Portugal, por navios nossos, ficando assim cerca de 70.000 contos de fretes dentro do país. Havendo um abastecimento bem orga-nizado de trigos, parece-lhe que o preço do pão baixaria visto o Go-vérno não ter que pagar, como tem feito até agora, preços doidos por carregamentos de especulato-res, que são desviados para Portugal quando de passagem pela nossa costa.

## A luta contra o patronato

LONDRES, 2.—A extrema esquerda da Trade-Union dos operários das indústrias eléctricas deseja envolver no actual conflito todos os caminões de ferro eléctricos, "tramways", etc., ligando à actual questão novas questões de salários e de condições de trabalho. A companhia dos metropolita-nos propôs tratar do assunto no Tribunal Industrial, mas a União negou-se a aceitar essa solução. —(R.)

E como também "não pode ir para fora da cidade e concessões limitadas negociar a farinha produzida pelo trigo exótico que adquirira ao abrigo de autorizações legais e pelo trigo nacional que tinha adquirido por preços elevados" — segue-se que a moagem de cá vai decretar a falta de pão...

Pelo que se vê que só o povo é que não é sacrificado, é que não tem suportado prejuízos e portanto, é o que deve pagar o patão...

Mas quando é que o Zé Ninguém po-derá resolver a manejar o jogo de pau... contra todo este jogo mercantilista de ex-ploração descarável, a principal no Esta-do e acabar no último mercleiro?

## O 31 de Janeiro

Uma comemoração que acabou em banquete e uma fria re-cepção presidencial

A recepção feita ao presidente da repú-blica foi a coisa mais pífia que imaginá-rem se pode. A estação de São Bento acorreu simplesmente o elemento oficial, alguns representantes das "forças-vivas" e um ou outro curioso, porque sempre os há nestas representações de caro exibicionismo.

A massa anónima, a massa popular, que é despresada pelos altos poderes do Esta-do e pela velhacaria das criminosas pluto-cracias, essa pagou a visita com uma iden-tica e retumbante manifestação de indife-rença...

Só ouvimos os acordes da "Portuguesa" soprados nos instrumentos da banda de infantaria e uns vivas rufenhemente iso-lados, perdidos na indiferença pública, sol-tos, por muito favor, por obrigação, por quem vive destas cousas...

O presidente do ministério notou esta frieza — como nós também reparámos na vigarice das benções lançadas pelo vigário da diocese, pelo bispo eleito de Milene e pelo seu fámulo — para que toda aquela santa gente estivesse de perfeita saúde e tivesse bom apetite... para deglutir a pele do povo escravizado...

Cá fora da "gare" estava um lindo sol a esfuizar nas espadas suas dum forte con-tingente da cavalaria da guarda pretoriana — a resfolegar honra ao chefe do Estado e ordem, muita ordem; aquelas poucas de-zenas de criaturas que se juntaram no lar-go... Para resposta também a microscópi-ca multidãozinha não deu um viva. A pes-sar de solharento, o dia estava frio e os estomagos pouco quentes...

Houve quem se queixasse desta "ingra-tidão" pública; quasi "malcriadeza", como alguém apelidou...

Então um povo que vive na miséria, que não tem pão, que não tem trabalho, que é despresado pelos governantes e per-seguido pelos "forças-vivas" da U. I. E. poderia lá ter energia, fôlego, equilíbrio para se arrastar até São Bento e berrar aclamações a quem o espesinha?... Sempre têm cousas...

## O povo assistiu apenas como espectador curioso...

Desta vez, porém, a comemoração do 31 de Janeiro revestiu-se duma maior serieda-de, visto que o cortejo cívico foi também um funeral — do coronel Malheiro e de Alves da Veiga...

Contudo, o conjunto da grande porção de oficiais do exército, de funcionários públicos e camarários e de capitalistas, in-dustriais e comerciantes foi desmanchado pela "parola" e pelas rizadinhas abafadas desta gente graduada: esqueciam-se do acto solene, julgando que iam em súcia para uma romaria, em vez de perfilados numa romagem... Era a hipocrisia humana a manifestar-se...

As escolas e os contingentes militares desarmados é que iam respeitadores... mercê da disciplina férrea de caserna...

Melen, muito povo a ver esta "oficiosa" parada fúnebre... Mas esse povo não se misturou com ela, não se lhe agregou: quiz apenas gosar o espectáculo, visto que o paga bem caro...

No cemitério houve discursos lindos, apoiados, quasi um comício de propaganda republicana — e depois, como não podia deixar de ser, tratou-se dos vivos, já que dos mortos nem a alma se lhes aproveitara seguiu-se a comezaina, a opiparra comezaina, no célebre hotel do Porto... enquanto milhares de famílias nem uma códeia de bórda tem para trincar...

E a "festa" luttosa terminou com o pa-gode da inauguração do estádio municipal, com o divertimento da parada desportiva no campo do Ameal e com mais uma ban-quetária comilice naquele referido hotel...

Toca a comer e a beber, que é o melhor que se leva desta vida — assim o proclamara a "comitiva" e a "bebitiva" de s. ex.º o chefe do Estado. — C. V. S.

## A INQUISIÇÃO NA ESPANHA

# Uma carta de Blasco Ibañez a Herriot

Blasco Ibañez escreveu uma carta ao presidente do ministério francês agradecendo-lhe as palavras afectuosas que pronunciara na Câmara quando leu a notícia de que Alfonso XIII desistira da acção judicial que intentara contra ele.

Eis um extracto dessa carta:  
"Seria uma grande ironia falar do liberalismo de Alfonso XIII, quando em cum-primento das suas ordens acabam de me ser confiscados todos os bens que possuía em Espanha e tendo eu neste momento dois processos no meu país, um perante o tribu-

## A educação moral na família

XI  
A colaboração da Escola e da Família

73—O regime escolar

Como já disse devemos cultivar nos nossos filhos os sentimentos de justiça e caridade para com toda a humanidade.

Nesta humanidade há pessoas que encarnam a escola as quais lhes faremos particularmente respeitar, amar e venerar: são os seus educadores, seus mestres, bons, valorosos professores e professoras.

O nosso primeiro dever relativo à escola onde nossos filhos vão receber o pão do espírito e da inteligência, é conhecer o respectivo regime.

O regime da escola é o regulamento da conduta, é a organização do trabalho. Se não soubermos o que a escola espera e exige de nossos filhos a respeito da sua conduta e do seu trabalho, ser-nos há bem difícil prestar aos seus educadores o auxílio e a colaboração a que têm direito.

De resto, tenhamos a certeza de que se nos desinteressarmos da escola, ela não nos dará tudo o que dela esperamos.

Começemos por conhecer pessoalmente o professor ou a professora de nossos filhos; todos os colaboradores devem conhecer-se, ver-se, ouvir-se, compreender-se e entender-se bem para empreenderem com êxito uma obra comum, e o importante é esclarecerem-se e informarem-se reciprocamente.

71—E' preciso informar a escola

Compreenda-se, pois, que é indispensável que os educadores de nossos filhos conheçam o temperamento destes, o seu estado de saúde, o carácter, a inteligência, os defeitos e as qualidades. Isto é, para eles, sobretudo no começo de cada ano escolar, uma coisa mais difícil do que se pensa. Certamente, os educadores estudam, observam os seus alunos atentamente. Mas os pais que os têm educado desde o berço, conhecem deles certas particularidades relativas ao estado de saúde, ao carácter e mesmo à inteligência que é do maior interesse indicar ao professor ou à professora.

E, com esta condição, é possível à família e à escola, depois de troca de impressões e de acordo entre professores e pais, combaterem juntos, sem se contrariarem, os hábitos desagradáveis, os defeitos e por vezes os vícios dos pequenos escolares.

**Rodas "Ocas"**  
A melhor para a esquerda. Chegou nova tempestade. Digite pedidos a FRANCISCO P. LATA, Tabacaria ou Bulevar do Largo do Góndi Barão, 25. Tel.: 6011, 93011.

## SOLIDARIEDADE

Pró-«A Comuna» e Editorial Anarquista

Uma interessante conferência de Cristiano de Carvalho

Realizou-se do domingo passado, no Salão de Festas da Construção Civil, a anunciada festa promovida pela comissão Pró-«A Comuna», em auxílio a este jornal e à Editorial da União Anarquista Portuguesa.

O salão estava cheio de camaradas, salientando-se o elemento feminino e muitas crianças.

Pelas 21 horas, iniciou Cristiano de Carvalho uma bela conferência em que abarcou magistralmente toda a questão social, salientando os preconceitos terríveis que lavram na mentalidade da maior parte dos militantes avançados, dois dos quais se salientam: o preconceito finalista e o costume pernicioso da inversão mútua da causa e efeito.

Assim, é costume tomar-se por causa o que não é mais que um efeito e vice-versa. É necessário que os propagandistas não misturem a significação destes termos, fazendo erradamente a propaganda dum meio, como se fosse um fim. E, preciso discernir: O Socialismo não é uma finalidade, é um meio de evolução. Da mesma forma aqueles que esperam a salvação por meio dum governo autoritário e centralista, estão possuídos do preconceito finalista, assim como os reformistas, cuja acção é, afinal, uma marcha de finalidade em finalidade.

O espírito humano evoluciona sempre, e a única «étape» possível que abrirá novos horizontes é a Liberdade que leva o indivíduo à mais alta expansão do seu ser.

Cristiano de Carvalho foi muito aplaudido ao terminar.

Seguiu-se o espectáculo dado pela simpática instituição Escola-Teatro Araújo Pereira, que representou o «Amanhã», de Manuel Laranjeira, e um acto de recitativos.

Para apreciar a receita e despesa da festa, reúne a comissão promotora, no próximo sábado, pelas 21 horas, na sede da U. A. P.

Participa-nos a viúva do operário José Maria Vasques que lhe foi entregue uma quele aberta nas obras da Escola Machado de Castro e na Casa Pia em Belém na importância respectivamente de 129\$20 e 27\$50.

nal civil e outro perante um conselho de guerra. Os amigos do rei tiveram até a ideia de queimar solenemente as minhas obras literárias numa das avenidas de Madrid, como em tempos se fez quando existia a inquisição.

«Os jornais e os livros continuam submetidos à censura: ninguém pode falar, ninguém pode escrever sem submeter as suas palavras ou os seus escritos ao exame dum censor militar. Há dois meses, pouco mais ou menos, uns juizes dum conselho de guerra foram suspensos por se terem recusado a condenar à morte sem nenhuma prova três pobres operários.

«O chefe supremo da justiça militar foi obrigado a pedir a sua reforma por se ter também recusado a acusar sem provas. Depois de ter sido usado este processo para aterrar os juizes, constituiu-se um

## O inquerito de A BATALHA

Tinhamos declarado que o nosso inquerito ficaria definitivamente encerrado no dia 31 do mês transacto. Sucede, porém, que ainda ficaram por publicar duas respostas, devido a um atraso no correio. Esse motivo nos leva hoje a publicá-las, apesar de ter passado o prazo de encerramento do inquerito. Conforme dissemos, quando o declarámos encerrado, todos os sindicatos que não puderam durante o inquerito enviar as suas comunicações, devem fazê-lo para a C. G. T.

**Rurais de Santo Amador—Moura**

Uma comissão de rurais da freguesia de Santo Amador—Moura, enviou-nos a seguinte comunicação:

**Trabalhos por conta do Estado:**  
Reparação da estrada de Barrancos, que se encontra quasi toda intransitável.

**Trabalhos por conta do Município:**  
1.º—Construção dum ramal da estrada de Barrancos a esta freguesia.  
2.º—Reparações no cemitério.

**Trabalhos agrícolas:**

As terras por cultivar são em grandes extensões e é grande o número de rurais sem trabalho. Os lavradores tem propostamente restringido ao máximo o seu pessoal.

**Corticeiros de Alhos Vedros**

Enviou-nos a seguinte resposta o sindicato dos Corticeiros de Alhos Vedros:

**Trabalhos por conta do Município:**

1.º—Construção dum novo cemitério, pois no que actualmente existe, já se encontram cadáveres uns sobre os outros.  
2.º—Construção de urinois e sentinas públicas.

3.º—Calçamento das ruas.

4.º—Intensificar a limpeza e a saúde públicas, principalmente nos becos, travessas e vielas, em que os trabalhadores, por razões económicas, são forçados a habitar.

5.º—Intensificar a construção de bairros operários.

6.º—Alargamento do cais.

7.º—Reparação das estradas que seguem para o Barreiro e Moita, que se encontram intransitáveis.

**Metalúrgicos do Porto**

Recebemos do Sindicato Unico Metalúrgico do Porto uma resposta assim concebida:

**Trabalhos por conta do Estado:**

1.º Gradear a beira do Rio Douro como noutros tempos se fez para evitar os constantes desastres que se veem devido a carros de bois, eléctricos, automóveis e pessoas que caem ao rio.

2.º Fecho da circunvalação parte marginal, obra que há longos anos espera a sua conclusão.

3.º Cobertura do túnel do Seminário à entrada das Fontainhas, completando-o assim.

4.º Concreto das pontes D. Luís e D. Maria Pia que, além de se encontrarem num estado verdadeiramente vergonhoso, são completamente intransitáveis, perigando a vida daqueles que delas necessitam servir-se.

**Trabalhos por conta do Município:**

1.º Cobertura do túnel, entrada da rua Baltazar Guedes. Este já está murahado, obra do ex-vereador Ilídio de Melo e que o vereador que o substituiu no respectivo pelouro não concluiu, gradeamento do muro que fica sobre o mesmo túnel evitando com isso a continuação dos desastres mortíferos com as crianças.

2.º Construção de miclórios e sentinas públicas, visto que as poucas que existem são na parte baixa da cidade e insuficientes para as necessidades da população; nas restantes partes da cidade nada existe, resultando daí actos indecorosos.

3.º Construção de lavandouros públicos visto que a meia dúzia que existe é insuficientíssima para as necessidades da população, havendo bairros onde não existe um único, tais como: St. Bonfim, Montebelo, Eirinhas, Antas, Alvaro de Castelões, Monte Pedral, Lapa, etc., etc., onde quasi toda a população são trabalhadores e sem poses para pagar às lavadeiras da aldeia para que lhes lavem.

**DENTES ARTIFICIAIS**  
a 2500. Extracções sem dor, a 10000. Consulta especial das 10 à 12. Concertam-se dentaduras em 4 horas. Das 2 às 7 consultas com hora marcada.

**MÁRIO MACHADO**  
CHIADO, 74, 1.º Tel. C. 4186

**POR DISTRIBUIR MANIFESTOS**

Foi ontem preso na Praça do Brasil, recolhendo ao calabouço 7 do governo civil, o operário António Ferreira, por distribuir manifestos da Juventude Sindicalista.

Poderá o leitor, pela leitura da transcrição que fazemos do referido manifesto na respectiva secção, verificar quanto de absurdo representa esta prisão.

Todavia, aquele operário ficará por alguns dias privado da liberdade até que se apure a sua inocência, de já comprovadíssima.

**«A Voz do Operário»**

Reúne amanhã, pelas 20,30 horas, a comissão de defesa desta instituição.

segundo tribunal que condenou à morte os três homens.

Se Alfonso XIII desistiu da acção judicial, diz o autor dos «Quatro cavalheiros do Apocalipse», é porque esse processo abria, perante a Europa, o da Espanha militarista.

O rei reclinou, mas esse recuo não impediu que os jornais afectos ao rei pretendessem que os tribunais franceses deviam preparar-se para enviar à guilhotina o panfletário de «Alfonso XIII desmascarado».

Blesco Ibañez termina a sua carta da seguinte maneira, que bem mostra o terror e a atmosfera inquisitorial que deve lavar em Espanha:

«Há muitos meses que não recebo correspondência do meu país e eu pela minha parte não escrevo a ninguém, pois aqueles que recebem uma carta minha seriam irremediavelmente perseguidos e encarcerados.

## FESTAS ASSOCIATIVAS

No Sindicato dos Litógrafos

A fim de inaugurar a sua bandeira realizaram os operários litógrafos e anexos uma sessão solene no passado domingo, com a representação da Federação do Livro e do Jornal, Impressores, Encadernadores, Ferrvários da C. P., Alfaiates e Arsenal de Marinha, sendo o acto abrandado por um grupo musical.

Usou da palavra António Monteiro, verberando as pretensões dos industriais que não olham a processos para alcançarem os seus fins, aconselhando os presentes a prepararem-se para resistir aos desígnios da União dos Interesses Económicos.

Em seguida foi inaugurada a bandeira, usando depois da palavra António Costa, Eugénio Inácio e António Afonso Pereira.

Alberto Monteiro disserta sobre o valor dos sindicatos, dizendo que neste momento, mais do que nunca é necessária a máxima energia para que os trabalhadores não sejam os escravos que eram nos tempos do feudalismo, terminando por aconselhar como o orador que se lhe seguiu, José Tavares dos Santos, a resistência às intenções opressoras do patronato, dizendo mais este último ser necessária uma forte acção colectiva que se não deve fazer esperar.

A camarada Virgínia, empregada dos tabacos, lamenta que muitos operários troquem o sindicato pela taberna. A ameaça que paira sobre os operários deve-se aos que não têm dada a força necessária aos seus organismos de classe.

Jaime Tiago, em nome do Sindicato dos Litógrafos, refere-se à indiferença da sua classe pelo sindicato que vai reflectir-se na sua situação moral e económica. É necessário atentar no perigo que ameaça a classe operária se continuar no mesmo estado de inação. A crise que avassala a sua e outras classes deve-se apenas às combinações dos industriais que pretendem oprimir e deprimir o operariado. Agradece, em nome dos litógrafos, a prova de solidariedade dos organismos representados.

A sessão foi encerrada com vivas à organização operária.

**Descarregadores de Mar e Terra de Almada**

Realizam no próximo domingo a comemoração do seu 4.º aniversário com uma sessão de propaganda, para o que estão convidados diversos organismos.

**A de inauguração do Sindicato da Construção Civil de Lamego**

LAMEGO, 26.—Pode considerar-se de festa o dia de ontem nesta cidade. Um acontecimento operário de certa importância deu-lhe um aspecto festivo.

Foi a inauguração do Sindicato da Construção Civil, que decorreu muito animada. A cidade, que foi acordada pelo estralar de foguetório, conservou toda a manhã a mesma alegre fisionomia, até que às 15 horas, no espacoso salão do Sindicato dos Manufatureiros de Calçado, se deu início à sessão solene, para a inauguração do referido organismo.

Francisco A. Júnior, num entusiástico discurso, pôe em relevo toda a grandiosa obra de organização, que permitiu a formação de mais um organismo.

António Inácio Martins, delegado da Federação da Construção Civil, salda o próterio da Lamego, bordando largas considerações sobre o significado do sindicato como elemento de combate às oligarquias dominantes.

Referindo-se à crise de trabalho, o orador reporta-se aos maneios das «forças-vivas» e à conveniência de sistematizar a luta para conseguir-se os objectivos operários.

José de Aguiar fala sobre a função que o sindicalismo tem a desenvolver na luta contra o patronato e Estado.

José Ribeiro Dias, num brilhante discurso, passa em revista o movimento operário e a sua acção no terreno económico, sendo muito aplaudido.

A sessão foi abrandada pela banda de música do Patronato, tendo a ela assistido mais de quinhentas pessoas, contando-se alguns médicos e grande número de estudantes e senhoras.—E.

**COLISEU DOS RECREIOS**  
HOJE — às 21 horas (9 da noite)

2.ª apresentação dos notabilíssimos artistas

OSSY MAK TROUPE DAI NIPPON (equilibristas) (jongleiros e iactos)

LOS MONFORT (barristas)

que ontem, na sua estreia, obtiveram grande sucesso

O próximo e aplaudido professor de equitação

ROBERTO DE VASCONCELOS

2 SOBERBOS CAVALOS EM ALTA ESCOLA 2

Sempre novidades Sempre atracções

QUINTA-FEIRA:

Grandiosa «matinée» académica

**MUTUALISMO E COOPERATIVISMO**

Cooperativa União Operária da Lapa.

Reúne amanhã a assembleia, às 21 horas, para apresentação do relatório e contas.

**Queixas e reclamações**

Um reles perseguidor

O S. U. da Construção Civil de Sintra, comunica-nos o seguinte:

«O Sindicato da Construção Civil de Sintra, apreciando o desmentido de Avelino de Castro à correspondência desta vila, com a epígrafe «Um reles perseguidor», declara a carcer de fundamento o referido desmentido, que é feito por pessoa de família do sr. Fonseca, nome que por lapso saiu como sendo o de Ventura.

«Afirma ser verdadeira a primeira notícia pelo que se apressa a corroborar-la.»

Como este assunto está esclarecido, com a publicação deste comunicado damos o assunto por liquidado.

**Agremiações várias**

Liga E. P. Educação Física.—Reúne-se hoje, pelas 21,30 horas, no Ginásio Club Português, a Liga de Estudo e Propaganda de Educação Física, para eleger os corpos gerentes, discussões e aprovação do relatório e suas contas.

## DESPORTOS

Lisboa-Algarve

O primeiro desafio entre selecções das Associações de Foot-ball de Lisboa e Algarve realizou-se, como noticiámos, no sábado passado. O grupo algarvio, que produziu uma excelente impressão, foi batido por 3-0.

O jogo foi conduzido em geral com bastante rapidez, especialmente o ataque algarvio brilhou pela combinação feita, tendo sido, de resto, deficientemente alimentado pelos médios. O ataque lisboeta só produziu jogo apreciável na primeira parte, durante a qual se marcaram as duas primeiras bolas. Na segunda foi tomado de singular apatia, sendo por isso em reduzido número as jogadas de efeito.

Arbitron Ilídio Nogueira, a contento.

**Campeonato de Lisboa**

Verificaram-se os seguintes resultados nos desafios de primeiras categorias efectuados no domingo:

Chelas e União empataram por 1-1. Jogo em geral sem brilho, em que os grupos se igualaram.

Casa Pia venceu Vitória por 3-1. Apenas durante a primeira parte o Vitória soube impor-se, deixando que na segunda o Casa Pia o dominasse francamente.

A primeira parte terminou com o resultado de 1-1 tendo sido o Casa Pia o primeiro a marcar. Ainda contra o Vitória foi marcada uma grande penalidade, que não surtiu efeito.—K.

**DICKY**

Hoje no Nacional sobe à scena esta adorável comédia em que José Ricardo tem ensejo de mais uma vez mostrar quanto é grande o seu talento privilegiado. Secundam brilhantemente o extraordinário comediante os restantes intérpretes.

**OS QUE MORREM**

FUNERAIS

Luis Maria Coelho

Realiza-se amanhã, às 15 horas, o funeral do menor Luis Maria Coelho, filho do nosso bom amigo e editor de «A Batalha», Carlos Maria Coelho, que há dias, como noticiámos, foi atropelado por uma camionette dos Correios e Telégrafos.

Maria Ludovina Pinto

Realiza-se hoje, pelas 15 horas, o funeral da sogra de João Arriegas, componente do quadro de «A Batalha», saindo o préstito das Escadinhas do Monte, 6, 1.º E. (as Olarias) para o Cemitério do Alto de São João. O acompanhamento é a pé.

**FALECIMENTOS**

Faleceu João Dias, irmão de José Maria Rodrigues, sócio-gerente da Imprensa Artística, e de António Maria Rodrigues, desenhador da construção naval do Arsenal da Marinha, tendo-se realizado anteontem o seu funeral.

Deu entrada na Morgue, Teresa Pessoa, de 77 anos, residente no Pátio do Biaggi, 75, que faleceu na residência, sem assistência médica.

**O atentado do Campo Pequeno**

Foi preso em Aveiro um dos indigitados autores

Foram presos em Aveiro Paulo de Miranda e António Augusto dos Santos, este último evadido há pouco dos calabouços do Governo Civil, onde se achava detido, acusado de ter tomado parte no atentado contra o caixeiro da padaria do Largo Dr. Afonso Pena. O comissário de policia daquelle cidade participou aquelas prisões ao director da P. S. E.

**Teatro Nacional**

HOJE

REPETE-SE A INTERESSANTE PEÇA

**DICKY**

EM QUE OS ARTISTAS

**JOSÉ RICARDO**

E

**RIBEIRO LOPES**

TÊM NOTABILÍSSIMAS CRIAÇÕES

**ILDA STICHINI, MARIA PIA**

E **ALBERTINA DE OLIVEIRA**

formam com os restantes

intérpretes

um delicioso e artístico conjunto

**Rendimentos dos operários**

Morto por uma locomotiva

No Banco do hospital de São José faleceu, poucas horas depois de ali ter dado entrada, António Vicente Figueiredo, 28 anos, casado, fogueiro da C. P., de Torres Novas e residente no Arco das Águas Livres, que ontem de manhã foi colhido por uma máquina que andava em manobras no depósito da C. P., em Campolide.

Queda mortal

Na enfermaria n.º 2 do hospital de Arroios faleceu ontem José António Júnior, 31 anos, condutor de carroças, morador no beco da Cardosa, 33, loja, que, como noticiámos, caiu, no dia 19 de dezembro último, da carroça que guiava, na rua da Palma.

## TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

**Teatro Politeama**

«A mulher nua», de Bataille, tradução de Eduardo de Noronha

Com todos os «cordelinhos» das peças de Bataille, o inevitável assunto de divórcio, desgastados conjugais, a «boite à surprises» final que deixa o espectador satisfeito com os personagens e o autor.

«A mulher nua», com todas as grandes qualidades do grande dramaturgo francês, com o seu saber de teatro, com a sua interessante facilidade de dialogar, chama de hoje para o futuro a atenção do público que se comove com o que se passa na scena, que prende a sua atenção com os enredos da sociedade burguesa, tão refinados no meio francês, onde chega a ser natural o assunto que Bataille desenvolve com mão de mestre.

Com que fina observação e clássica verdade está tratado aquele princípio que vende a sua nobreza pelo dinheiro abundante que lhe dá o bem estar e a conservação da sua personalidade social?

Como humanamente está certa aquela «Lolite» enfiada, terna, trágica e boa, que se resigna por fim, ao ver perdida a sua musa da vida?

E, como é natural o esplendor do seu desejo de mocidade, quando quer agarrar a vida que lhe vai fugir?

Como é verdadeira a lucinação de grandeza que perde o pintor, ao ver-se consagrado, para se esquecer das suas afecções sinceras e adoptar somente as que ajudem a doar de glória o seu nome!

Só assim, com este poder de observação, só assim com a rica orquestração da scena que Bataille possui, se purifica a dissolução social que as suas peças acusam.

Para lastimar é que a tradução nem sempre esteve à altura do valor literário e dramático da obra.

\*\*\*

O desempenho de «A mulher nua» é dos melhores a que temos assistido pela companhia do Politeama, agora enriquecida com o contrato do actor Azevedo, que, aparte o primeiro acto, em que nos pareceu um tanto frio, se revelou o artista consciencioso, emocional e fino que o publico conhece e estima.

Amélia Rey Colaço conseguiu mais uma bela criação para a sua galeria de comediante. Não se pode fazer melhor a peça, principalmente no final do 2.º acto e no 3.º.

Robles Monteiro disse discretamente e compôs bem o seu tipo. Emilia de Oliveira, «come il faut», no 2.º e 3.º actos. Admiravelmente Gil Ferreira no papel do príncipe, muito fora do fecho dramático que nos tem exibido. Marcolino papel com uma notável exactidão e disse com equilibradas atitudes. Os outros artistas diligentes.

Encantadoras as scenas, sob o ponto de vista decorativo, devendo salientar-se a sôbria elegância do 3.º acto dum bom gosto e distinção dignos de nota.

A encenação de Robles Monteiro acertadíssima.

O público, petulantemente contido e grosseiramente observador, julgava naturalmente ir ver uma «mulher nua»... mas enganou-se!

NOGUEIRA DE BRITO

**Orquestra Sinfónica Portuguesa**

Reassumindo as suas funções, o maestro Lassalle, voltou a reger a Orquestra Sinfónica Portuguesa, embora só dirija mais um concerto, o do próximo domingo. A página musical de sponção deste programa era, com razão, o poema sinfónico «Amor brujido» do grande músico moderno espanhol Manuel Falla. Assunto «gitano», com todo o recorte típico da raça, com todo o ar sóbrio do assunto «Amor brujido» pode considerar-se uma esplêndida partitura que acompanha minuciosamente a orientação dos compositores modernistas, não se distanciando dos melhores da Itália e da França.

A orquestra executou com delicadas «nuances» o poema, mostrando-se também devesa afimada na «Sinfonia fantástica» de Berlioz, no «Egmont» e na composição de Freitas Branco inspirada numa leitura de Antero de Quental.

N. de B.

**No Nacional**

Concerto da violoncelista Adelaide Sagner

No teatro Nacional a violoncelista Adelaide Sagner deu no sábado uma audição, colaborada no seu recital por orquestra de arcos regida por Pavia de Magalhães e pela pianista Sofia Freire Saldanha. A violoncelista Sagner é sobretudo uma executante que procura o máximo do sentimento nos trechos que interpreta, aspiração que se regista também na indole das suas produções em geral melancólicas. E' tanto assim o que dizemos, que a própria escolha dos autores o corrobora suficientemente. Schumann, Chopin, Back, escolhendo de preferência neste a ária da suite em ré, que é um trecho cheio de doçura musical, ainda que o julgamento deslocado no violoncelo, visto a parte melódica valer justamente pela combinação harmonica.

Com o tempo a violoncelista igualará a técnica ao sentimento, porque revela qualidades apreciáveis. A pianista Sofia Saldanha tocou correctamente, em especial o scherzo de «Albért».

A orquestra bastante homogênea, foi feliz na interpretação das composições dos esposos Sagner.

NOGUEIRA DE BRITO.

**Notícias**

Solenizando a inauguração do tradicional pau de fiteira, a empresa construtora do novo teatro do Ginásio, que será inaugurada na próxima época de inverno, ofereceu ao seu pessoal operário um copo de água, demonstrando por esta forma quanto está satisfeita com ele pela maneira diligente e acertada como têm sido executados todos os trabalhos. A festa, muito íntima, e que teve um cunho de grande sinceridade, decorreu animadíssima, tendo-se trocado vários brindes.

**Rêclames**

O Eden-Teatro continua apresentando aos seus frequentadores um esplêndido espectáculo: é constituído pela graciosa e deslumbrantíssima mágia «O Bolo Rei».

—Hoje, às 21,30 horas, no Nacional, repete-se a imortal comédia «Dick».

—Dá hoje a sua penúltima representação no teatro Apolo a magnífica peça «As Duas Orfãs» que aquele teatro tem levado muitos milhares de pessoas.

## «A Batalha» na provincia e arredores

**Guarda**

Service de livreria de A BATALHA

FOLHETOS	
Eliсей Reclus — Anarquia e a igreja	1900
Gonçalves Correia — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura.	150
José Prat. — A burguezia e o proletariado	130
Content. — Contra o confussianismo.	130
Alfredo Neves Dias. — Razão (poema social).	130
Landauer. — Social Democracia	130
R. Mela. — O principio do fim.	130
.. — A maconaria e o proletariado.	130
J. Most. — Peste religiosa	150
J. Rio	
Trovas da noite.	1900
Definições sociais	150
Contos dum revoltado	130
Roberto o Pescador	130
* * * — Carnet de Pensamento	120
Bakunine. — No sentido em que somos anarquistas.	150
Chueca. — Como não ser anarquista.	150
F. Lazare. — A Liberdade.	150
J. Etrevant. — A minha defesa	150
Kropotkine	
A mocidade.	150
Os bastidores da guerra.	130
Moral anarquista	130
J. Guedes. — Lei dos Salários	150
Briand. — A greve geral.	150
Roland. — Rússia Nova.	150
* * * O sindicalismo e os intellectuaes	150
D. Carvalho. — A gestão sindical no periodo revolucionário.	150
A. Hamon. — A crise do socialismo	150
J. Santos. — A transformação da sociedade.	150
Veno Vasco	
Georgicas	130
Greve de inquilinos, teatro.	1300
Domela. — Patria e Humanidade	130
.. — Proletariado Histórico.	130

REVISTAS	
Escola Nova, da Ass. dos Profes-	
sores de Portugal.....	1160
La Revista Blanca em espanhol.....	1160
Renovação, vários soltos a.....	500
EM ESPANHOL	
Rodolfo Rocher	
Artistas e Rebeldes.....	13600
Bolshevismo y anarquismo.....	1350
— La Crisis del anarquismo.....	1350
Jose Torralvo—La Revolucion.....	1350
Leifio O. Zeno—Problemas universi-	
tarios.....	2300
La Revista Blanca—Arte, Sciéncia e	
Litteratura. Cada número.....	2100

# Companhia Nacional de Navegação

— Barcos a sair: —

Dia 15, para a costa Occidental de Africa, o pa-  
quete **Portugal**.

Dia 1 de Março para as costas Occidental e **Oriental**  
de Africa, o paquete **Benigno Marques**.

Dia 15, para a costa Occidental de Africa, o pa-  
quete **Pedro Gomes**.

Dia 1 de Abril, para as costas Occidental e **Oriental**  
de Africa, o paquete **Angola**.

Dia 15, para a costa Occidental de Africa, o paquete  
**Belgo**.

**Nota importante:** — São avisados os res. carregadores, de que, sendo indispensavel manter as saídas nas datas annunciadas, as suas cargas, têm de estar no bagagem até ao costado do navio, pelo menos até a **hora critica do dia da saída**.

Os passageiros devem estar no cais até a vespera da saída e liquidados nesse dia os seus excessos, na vinda-os.

**MENINAS**  
**e todas as donas de casa**

que desejem mudar os seus vestidos de cor escura para mais clara, podem fazê-lo comprando um tubo do afamado **Descorante «Lipsia»** tingendo-os depois na cor que desejarem com as anilinas **«WIKI-WIKI»**.

Cada tubo indica em português a maneira de se usar.

Este **Descorante**, assim como as anilinas **«WIKI-WIKI»**, encontram-se à venda

em todas as boas drogarias de Portugal e no depósito geral:

**Rua da Madalena, 113, 2.º**  
**TELEPHONE C. 5507**

**Sampaio & Rodrigues**

---

**PEDRAS PARA ISQUEIROS**

Legítimo metal AUER, única privilegiada e acreditada universalmente cre ser a que faz melhor faísca — que tem maior duração.

**DÚZIA 50 CENTAVOS**  
(custado com as imitações) a 200 centos e aos melhores, assim como isqueiros, rodas, tubos, pipos e tampões, aos melhores preços para revenda.

Pedidos a **CARLOS A. SANTOS**  
Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

as suas bragas velhas lhe deixavam  
nas e os pés; ao ombro trazia a pe-  
martelo de que se servia para que-  
brocha das pedreiras. Joana a Corcunda  
a a vêr seu marido. Posto que feio,  
do respirava uma angelica bondade  
mente para Fergan com o rosto ba-  
s, Joana disse-lhe com um misto de  
ciedade inexprimivel, interrogando-o

meu pobre filho! Nunca mais o tor-  
mentos amargurado que sua mulher,  
pedra ao pé da lareira, com o colo  
joelho e a barba à mão; por muito  
cioso e meditativo; depois, erguen-  
do, começou a andar com agitação, di-  
zendo: pode durar deste modo... O coração  
...; é preciso que eu vá... Irei...  
o o servo repetir: Irei, irei! levantou  
as lágrimas com as costas da mão,

— Tu ir, meu pobre homem ?  
— exclamou o cabouqueiro continuando  
— a cruzando os braços no peito.  
— Põe as mãos e quize falar, mas não  
— pude sequer pronunciar uma palavra,  
— e uns nos outros. Finalmente, disse  
— a cada :  
— tu não estás em ti dizendo que has  
— de pôr da lua !  
— ! já perdi meu filho, replicou Joana

17

O patronato industrial, comercial e agrícola organizam o fascismo. Alguns oficiais do exército da República (!) e alguns políticos republicanos (!!) auxiliam e secundam as pretensões das forças vivas. Trabalhadores de todo o país: que faizeis para vos defender?



## A CRISE DE TRABALHO E A BAIXA DE SALÁRIOS

### Foi imponente o comício da Federação Marítima

Milhares de trabalhadores marítimos aprovaram as reclamações a apresentar ao governo

O comício da Federação Marítima abriu às 10.30. Presidiu Francisco Veríssimo, secretário das relações internacionais da Federação Marítima.

Após breves palavras, dá a palavra a Manoel Rodrigues. Este afirma que a crise só terminará quando os trabalhadores possuírem um novo direito: a burguesia e fundarem um novo direito: a burguesia está dividida do mais feroz egoísmo, o que é uma dificuldade levantada ao melhoramento do povo e do país; o exemplo da união dos conservadores, devem segui-lo os trabalhadores.

Refere-se ao atraso em que se encontra o povo, que considera da responsabilidade daqueles que o têm administrado.

Silvino Noronha aponta também a má administração burguesa e o desleixo das políticas, e diz que a crise é resultante da grande crise de carácter que se atravessa, por isso a crise constitui uma nova especulação contra a qual os trabalhadores se devem prevenir. Termina demonstrando a necessidade de agir contra a acção criminosa das "forças vivas".

António Brás critica o uso que tem sido feito dos navios alemães, que continuam paralisados para gaudir das agências de navegação estrangeira, enquanto os trabalhadores marítimos lutam com a falta de trabalho.

Silva Campos, pela C. G. T., refere-se à ecção que as "forças vivas" estão desenvolvendo e crê que só a acção enérgica dos trabalhadores defendendo os seus interesses, pode fazer a burguesia mudar de rumo.

José da Silva, das Juventudes Sindicalistas, apela para os jovens para que abandonem a taberna e outros lugares de podridão e ingressem nos sindicatos formando consciência.

O delegado do Pessoal de Câmaras atacou o decreto 10.450, que regula o trânsito de passageiros, apresentando algumas reclamações, que passaram à Federação.

António Marcelino, em nome do Núcleo Sindical Revolucionário, aprecia o estado económico do país.

Falou ainda Joaquim Correia, pelos fragueiros de Lisboa, e Mário de Figueiredo, pelos descarregadores de Almada, seguindo na mesma ordem de ideias, considerando o momento perigoso para os trabalhadores.

O presidente, não havendo mais oradores, faz a leitura duma reclamação a apresentar ao presidente do ministério que tem as seguintes conclusões:

**O que as classes marítimas pretendem ser atendido**

1.º Que os navios do T. M. E. já armatizados, sejam postos a navegar;

2.º Que seja cumprida a lei de protecção à Marinha Mercante Nacional;

3.º Que sejam iniciados os trabalhos dos portos do país, cujos projectos se encontram já elaborados;

4.º Que seja alterado o acto de navegação, conforme alvitre presente ao III Congresso Marítimo em Aveiro;

5.º Fiscalização rigorosa da pesca nas costas de Portugal, a fim de evitar o uso de dinamite;

6.º Abolição dos impostos a todos os trabalhadores marítimos;

7.º Que seja alterado o art. n.º 1 do decreto n.º 10450 com a seguinte redacção: Por cada grupo de 25 passageiros nacionais, seja obrigatório matricular 1 criado português; por cada grupo de 50 passageiros de sexo feminino uma criada portuguesa e por cada grupo de 100 passageiros ou mais, um cozinheiro da mesma nacionalidade;

8.º Que nas capitâneas só seja permitida a matrícula a indivíduos para esse serviço, desde que provenham da sua cédula marítima nacional 2 anos de embarque.

Esta reclamação é aprovada por aclamação, ficando também aprovado para que a assistência acompanhe a comissão que fizer a sua entrega, encerrando-se o comício que esteve bastante concorrido.

#### Em Evora

A pretensão da baixa de salários quando a vida encarece

EVORA, 29.—Preparam-se os industriais corticeiros para, depois de terem arremessado para a miséria dezenas de operários, lhe baixarem 20% nos parcos salários que ontora auferiam.

O gesto ignóbil e revoltante dos industriais é o há de mais infame e especulador, e tanto assim que a crise preparada por eles não tinha razão para se dar.

Dizemos que não há razão, porque sabemos que há fábricas com muita cortiça por manufacturar e essas fábricas encerraram as suas portas, obrigando os operários que nelas trabalhavam a procurar trabalho noutras profissões, nos trabalhos da linha de Evora a Reguengos, quer nos trabalhos de obras da Câmara, onde auferem um insignificante salário de 10500 e 11500 que mal lhes chega para alimentação.

As fábricas que possuem cortiça são as de: Artur Ferreira, no Rossio de S. Braz, e Sociedade Evorense de Cortiças, às Alcaçarias, e as que não têm cortiça nas fábricas têm-na no mato.

Não são só os industriais corticeiros que pretendem baixar os salários, na construção civil já existem baixas de salários assim como nos serviços rurais, aproveitando-se dos patrões da crise provocada por eles mesmos, para conseguirem o trabalho feito por um ridículo preço, enquanto que a carne de porco aumentou para 14500 os 14 quilos, e muitos gêneros em vez de baixarem sobem.

Nesta cidade os gêneros não têm baixa de preço, apenas a carne de porco tinha baixado durante uns quinze dias, o máximo, para pouco depois se elevar mais. Por exemplo a linguiça que se vendia a 18500, vende-se hoje a 20500. A baixa de salários em Evora é uma afronta e uma provocação ao operariado organizado. — C.

#### A baixa de salários em Grândola

GRÂNDOLA, 30.—Para tratar da baixa de salários na casa do Sr. José Magro e da greve pelo mesmo motivo declarada na casa José de Brito, reuniu a classe corticeira desta localidade, com a presença de

Justino Camacho, delegado da Federação Corticeira.

Sobre o primeiro caso foi resolvido que o seu pessoal se conservasse no trabalho, em virtude daquele industrial ter declarado à comissão que pagaria a tabela convencional entre a Federação Corticeira e a Associação Industrial de Cortiças.

Quando ao pessoal do sr. Brito, continuará em greve até que aquele sr. pague o mesmo que aqueles fabricantes.

Depois de resolvido o caminho a seguir, Justino Camacho fez uso da palavra, prendendo a atenção da assistência durante mais de hora e meia, demonstrando com clareza quais as pretensões da burguesia que neste momento se prepara para dar o salto de tigre sobre a organização dos trabalhadores e as magras liberdades conquistadas pela classe operária. Aconselha todos os que vivem do seu trabalho a que ingressem nos seus sindicatos dando-lhes a vida que carecem para na hora própria os operários estarem aptos a tomar a gestão da sociedade que preconizam.

Apela para todos os presentes para que façam um conceito diferente da mulher do at agora seguido, pois ela bem educada, é um auxiliar poderoso para a transformação social, porque tem a seu cargo a educação dos pequeninos antes que os homens do futuro.

O camarada Justino, que deixou as melhores impressões, tomou parte no dia 28 numa outra sessão, onde demonstrou com grande copia de argumentos, o valor do sindicalismo. — E.

#### Os corticeiros de Silves perante a baixa de salários

SILVES, 28.—Reuniu a classe corticeira para apreciar uma pretensão da Empresa Industrial Silvense Limitada, que pretende reduzir 10% nos salários dos seus operários. Usaram da palavra diversos operários que verberaram acrimosa a dita firma que pretende explorar com a miséria dos seus operários, pretensão, que foi repudiada por toda a classe, e resolvido que nenhum camarada retorne o trabalho na dita fábrica sem que a gerência desista do seu repugnante intento. Foi também resolvido enviar uma comissão de três camaradas para entrevistar o gerente da mesma fábrica, entevista que se realizou sem nada de proveitoso, porque esse senhor respondeu à comissão não poder fabricar sem reduzir os salários, e mesmo com a redução de 10% era a título de experiência que reabria a fábrica. — E.

PORTIMÃO, 30.—A fim de tratar da crise de trabalho e baixa de salário, reúne hoje o sindicato dos Manufactores de Calçado. — C.

#### O movimento do operariado de Portimão

PORTIMÃO, 31.—Na sua última reunião do Conselho, da U. S. O., resolvido agitar as classes, não organizadas, por se verificar a grande crise que lava já em todas as indústrias, levando à prática um comício público, depois duma reunião magna de todas as classes organizadas, devendo protestar-se também, nesta reunião, contra a tirania, que o operariado espanhol, estão sendo vítimas. Resolveu convidar a C. G. T. a fazer-se representar no comício. — C.

#### A crise e a Câmara Municipal de Oeiras

OEIRAS, 31.—A enorme crise de trabalho que tem atingido os trabalhadores também se tem feito sentir enormemente nesta localidade.

Fomos informados que a Câmara Municipal abriu uma inscrição de desempocados, mas a nosso ver essa inscrição não passa de uma autêntica mentira.

Como se compreende que pretendendo a Câmara debelar a crise esteja despendido o seu pessoal operário com a agravante de baixar os salários a quem que inda mantém ao seu serviço?

Não poderá alegar a falta de verba, para isso, pois que o pessoal superior tem aumentado constantemente.

Também nos consta, que no caso de haver colocação—o que põmos em dúvida—será para particulares.

Porque não aproveita agora a Câmara para fazer os melhoramentos de que tanto carece esta localidade, tais como um hospital, um bairro de casas ligeiras, um lavadouro público, urinóis e muitos outros são indispensáveis a uma terra como esta que é sede de Concelho?

Se fizesse o que apontamos, é que ficaríamos crentes que a Câmara queria de facto debelar a crise de trabalho, e não esperando que os particulares se resolvessem a abrir trabalhos.

Por que é que a Câmara não obriga os proprietários a fazer as limpezas nos seus prédios que estão num estado vergonhoso? — E.

#### Na U. S. O. do Porto

As direcções dos sindicatos definem a sua atitude

PORTO, 31.—A fim de se pronunciarem sobre o parecer da C. G. T. e, por consequência, tratarem da gravíssima situação por que actualmente atravessa o proletariado em chomage—reuniram conjuntamente os delegados e direcções dos organismos sindicais aderentes à U. S. O.

O camarada presidente, o representante da U. S. O. dos Operários do Calçado, Couros e Peles, fez um caloroso apelo para que todos os presentes empreguem o máximo dos seus esforços no sentido urgente do operariado saír da calamitosa miséria em que o lançaram a desumanidade e a avareza do patronato.

Depois de lido ao conselho o parecer da C. O. T., o secretário geral manifesta a sua opinião de que se deve efectuar, pelos bairros mais centrais e populosos, uma série contínua de sessões preparatórias, cultivando-se assim um forte e necessário espírito de agitação contra os causadores deste profundo mal-estar em que afflictivamente se debatem as classes trabalhadoras.

Quasi todos os delegados demonstram a sua concordância com o alvitre do secretário geral e salientam a téntrica ameaça que as "forças-vivas" fazem para a conquista do poder, a fim de melhor poderem esmagar o proletariado com o peso aviltante da sua ditadura stilye müssolínica ou pelo figurino duma riverista "espanholada".

E' deendida também a necessidade absoluta de se estender esta propaganda à província, onde os industriais mais tem exercido a sua nefasta acção de tirania e exploração, e aos quartéis; para que o proletariado fardado, nesta triste emergência de fome e de falta de trabalho, não atire sobre os seus irmãos escravizados quando em legítima revolta contra os seus esomeadores e opressores—bem como se frizou a conveniência duma vasta profusão de manifestos esclarecedores e de preparação do espírito público.

Os delegados dos operários do mobiliário submetem à apreciação da assembleia o seguinte documento:

#### Reconhecendo a conveniência dum forte movimento de agitação

«Considerando: que a crise de trabalho que avassala a classe trabalhadora continua sem que os governantes se preocupem em resolvê-la, estando milhares de famílias na dura contingência de perecerem de fome, quando têm o legítimo direito à vida;

que é um propósito do governo em não atenuar a crise de trabalho, porquanto a organização operária, por intermédio do seu órgão na imprensa, a *Batalha*, tem apresentado utilíssimos alvires pelos quais ele se poderia orientar, mas aos quais não liga a mínima importância;

que a atitude de indiferentismo tomada pelo governo, perante este tão grave problema, é para melhor servir os vis interesses do patronato, que pretende reduzir o salário e aumentar a jornada de oito horas de trabalho;

que o proletariado não deve consentir os fins ocultos da patronal, nem deve, como até aqui, continuar impassível, ante a atitude de desprezo manifestado pelo governo; que só por uma agitação interna e externa das massas proletárias se poderá conseguir a atenuação da crise de trabalho;

que para isso é preciso que a organização ponha em prática téntricas de luta adaptáveis ao estado psicológico em que se encontram os trabalhadores, resultante do ambiente social presente; a direcção do Sindicato Unico Mobiliário-propõe para:

1.º—que seja nomeada uma comissão composta de 5 membros que terá por missão:

a) promover rasões de agitação em bairros populosos e operários;

b) estas sessões podem ser realizadas nas sedes dos sindicatos ou em lugares públicos;

c) esta comissão enviará delegados a algumas sessões e pôde agregar a si os elementos que julgar conveniente;

2.º que seja nomeado um comité secreto que acompanhará a marcha dos trabalhos da comissão de agitação, proclamando, quando julgar oportuno e necessário, um movimento das forças produtoras;

3.º que este comité secreto acompanhe a marcha dos trabalhos do sul, para, quando nesta região seja proclamado um movimento, ele encontre aqui no Porto a indispensável repercussão—caso o momento oportuno o permita.»

O delegado dos metalúrgicos apresenta também a moção que segue:

#### Combatendo o movimento da União dos Interesses Económicos

«Atendendo a que crise de trabalho, longe de desaparecer, muito pelo contrário vem-se acentuando com uma maior violência;

Atendendo a que a União dos Interesses Económicos é a prova mais flagrante do perigo que corre a organização operária, e, *ipso facto*, o povo obreiro;

Atendendo que só a acção enérgica do proletariado destruirá os manejos infames dos exploradores do povo, as direcções dos Sindicatos operários do Porto, reunidos a convite da U. S. O., para apreciar os manejos das "forças vivas" a crise que o proletariado atravessa, depois de ouvir a opinião da C. A. da U. S. O. resolveu:

1.º Nomear uma comissão composta de cinco membros, que terá por missão, levar à prática, no mais curto espaço de tempo, sessão de protesto e preparação para um enérgico movimento nos pontos principais da cidade e onde sejam mais habitados por operários;

2.º levar, logo que a comissão constatar haver, por parte do povo, o indispensável interesse que o assunto reclama, a prática ou mais comícios públicos;

3.º que os Sindicatos coadjuvem a comissão na propaganda dessas sessões ou comícios;

4.º que os sindicatos nomeiem comissões de vigilância no sentido de não consentir que em qualquer fábrica ou oficina se trabalhe mais do que as oito horas;

5.º que a U. S. O. imediatamente edite um manifesto ao povo que trabalhe e a necessidade que há de vir à praça pública impôr-se contra os desígnios dos exploradores das classes proletárias;

6.º que os sindicatos, logo que o seu estado financeiro o permita, editem também manifestos, não só aos seus componentes em especial, mas ao público em geral.»

O delegado da Liga das Artes Gráficas apresenta um aditamento para que, atendendo a que é precisa a devida homogeneidade a imprimir à acção proletária, a comissão referida esteja em contacto permanente com as camaradas do sul, a fim de que o movimento possa atingir uma retumbância segura.

Aprovados os documentos supramencionados, é nomeada a comissão, a qual fica constituída pelos delegados do calçado, couros e peles, metalúrgicos, gráficos e construtores civis.

Por último, o delegado dos carregadores e descarregadores de terra e mar faz, em nome da comissão de auxílio ao povo espanhol, um caloroso apelo para que todos os delegados façam o seu maior esforço atinente a que os postais que a referida comissão pôs a venda para a solidariedade a prestar aquele povo oprimido, tenham o maior êxito possível. — C.

## INTERESSES DE CLASSE

### Uma decisão da Liga dos Oficiais da Marinha Mercante contrária aos princípios associativos

O que acaba de suceder na Liga dos Oficiais da Marinha Mercante é digno duma larga divergência. Cortou-se o direito de voto aos sócios, que, embora com o curso de pilotos, ainda não são diplomados por falta de "derrotas". Não pertence aquela colectividade porque se tal acontecesse seria lá que combateria, com a clareza e o poder de expressão indispensáveis, uma decisão manifestamente contrária aos princípios associativos.

Mas, como dentro desta defeituosa sociedade nos assiste o direito de livre crítica, devemos defendê-lo sempre que apareçam propostas como a apresentada na Liga dos Oficiais da Marinha Mercante que desapiedadamente o coartam. Não pertencendo à Liga nada tenho que ver com a sua vida interna. Porém, não é descabido analisar propostas que, como esta, mostram uma evidente má-fé ou uma irreflectida ignorância por parte de quem a apresenta.

A medida tomada pela L. O. M. M., além de ser anti-sindical, é absurda, quando o seu componente pretende justificar-la, argumentando que os praticantes são dentro da Associação inferiores hierárquicos dos restantes oficiais. A apresentar esta justificação esquece-se lamentavelmente que nem mesmo dentro dos princípios burgueses, que estabelecem os privilégios de castas, tal processo é adoptado. Menos o pode ser dentro dos princípios sindicalistas onde os trabalhadores, sem excepção de categorias, se agregam por afinidades profissionais ou industriais e não por qualquer superioridade que só é reconhecida nos locais de trabalho e não dentro da associação, onde todos têm iguais direitos e deveres.

Se na sociedade actual se adoptasse esse retrógrado critério os deputados que fossem bachareis só podiam ser eleitos por criaturas que fossem formados por qualquer faculdade universitária. Ora tal facto não se dá, porque no centro político estão filiados indivíduos de todas as categorias sociais desde as mais aristocráticas às mais humildes. Acresce ainda que o proponente da referida proposta defende o critério de que todos os trabalhadores devem votar tal, qual sabe se para mais tarde lhes coartar esse direito.

Transportada a questão para o campo sindicalista, ela torna-se tanto mais simples quanto maior for a coerência e a lealdade das pessoas que a discutam.

Qualquer criatura que se associa a fim de conjugar os seus esforços com os de seus camaradas para salvaguarda dos seus interesses, deve ter igual direito para os defender e para o discutir. É claro que cada qual deve discutir o que for da sua competência. Dentro dos princípios associativos a L. O. M. M. só podia proceder deste modo: inibir os praticantes de piloto de se insinuarem em assuntos de ordem técnica que só deveriam ser apreciados por aqueles que possuíssem autoridade profissional para os discutir. Isso não impede que eles estejam abalizados a discutir os assuntos depois de terem ouvido discussões e a raciocinar aprovando os pontos de vista de quem melhor conheça a questão.

Este seria o princípio mais consentâneo a adoptar e nunca colocar esse grupo de sócios nas condições de sócios auxiliares, visto os interesses serem muito diferentes.

Apenas podem ser consideradas sócias auxiliares as criaturas que tenham interesses ligados aos patrões quando se não tornem prejudiciais à associação. Estes diferem muito dos primeiros e não podem, portanto, serem considerados em igualdade de circunstâncias. Enquanto os primeiros se associam para defender os seus interesses como assalariados os últimos associam-se com o fim de defender os interesses dos patrões. Se a L. O. M. M. entendeu que só devia ter no seu seio sócios diplomados como oficiais, o bom senso indicava que deviam apontar a porta da rua aos praticantes—indemnizando-os das quantias com que estes tivessem contribuído—e nunca mediar-lhes uma rólha na boca depois destes terem pago joia e cota como os restantes associados.

Se a proposta que originou esta anomalia tivesse partido de criaturas que costumam defender ideias retrógradas e absurdas eu não me insurgiria. Limitar-me-ia a lamentar que essas criaturas ainda não tivessem compreendido, sob o ponto de vista social, o caminho a trilhar.

Mas que sejam aqueles que têm feito, em todos os campos afirmações de elevado alcance, que depois de se terem servido do voto desses sócios para salvar essa associação, apresentem um documento coartando-lhe a liberdade de votar é a antítese das suas afirmações.

Isto é próprio de quem não quer reconhecer a evolução social e, nestas condições, não têm autoridade moral de se afirmar o que não são.

A L. O. M. M. pela cultura dos seus componentes, devia ser uma daquelas associações que podia caminhar na vanguarda de todas as outras, o que honraria a classe.

Mas continuando a tomar medidas destas vexando uma parte dos seus associados, deixa muito a desejar e, mau grado aqueles que põem acima dos seus interesses a sublimidade do ideal, leva-nos a chegar a estas conclusões e uma delas é positiva: ou existe ignorância ou má fé.

Que respondam os "radicais" autores da "lei da rólha".

SILVINO DE NORONHA

#### Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

#### CONSULTAS JURÍDICAS

Hoje, pelas 21 horas, o dr. Sobral de Campos dará consultas jurídicas a todos os operários confederados que para tal apresentem a respectiva caderneta confederal.

#### CONSULTAS NO PORTO

Hoje, às 21,30 horas, o dr. Campos Lima dá as suas consultas jurídicas na sede da U. S. O. do Porto, aos operários confederados que de tal necessitem e apresentem as suas cadernetas em dia.

#### Castro Simões RELOJEIRO

RUA DO CAPELÃO, 40, 2.º D.

## VIDA SINDICAL

### U. S. O.

#### Comissão Administrativa

Reúne hoje, pelas 21 horas.

#### COMUNICAÇÕES

**Marítimos de Longo Curso.**—Pessoal de Câmaras.—Reuniu em assembleia geral no dia 24 de Janeiro, para eleição dos corpos gerentes do ano 1925, apreciação do relatório moral e financeiro da Comissão Administrativa e nomeação da Comissão de Secção de Criados, os quais ficaram assim constituídos: Comissão Administrativa: secretário geral, José Ventura Rodrigues; administrativo, Manuel Celestino Graça; adjunto, José Crispiniano Rodrigues; tesoureiro, Manuel Marques; vogal, José da Silva Ferreira. Assembleia geral: secretários, José dos Santos Cadete e Luciano Edral. Comissão de Secção de Criados: Caetano Pedro Oliva, Eduardo Ramos, Ernesto Serrão e Manuel Marques.

Passando-se à leitura do relatório moral e financeiro da Comissão Administrativa e parecer da Comissão Revisora de Contas, os quais relata circunstanciadamente o desenvolvimento do Sindicato durante o ano de 1924, foi aprovada por unanimidade a atitude que a Comissão Administrativa tomou não só na parte referente a finanças como também na parte moral da sua gerência.

**Comissão Administrativa.**—Reuniu no dia 23, para apreciar vários expedientes de carácter sindical, apreciando igualmente o estudo feito pela comissão nomeada, para a aquisição da sede sindical.

Exarou na sua acta um voto de justo reconhecimento, pelo esforço expendido por todos os componentes do sindicato durante a sua gerência (1924), e de igual forma exarou os seus protestos de reconhecimento da acção tomada pela Federação Marítima e Sindicatos Marítimos de Longo Curso, durante a sua gerência finda. Também deu posse à Comissão de Secção dos Criados depois de inculcar no espírito desses camaradas o caminho que deverão tomar em benefício dos que representam. Por último tomou ainda conhecimento de assuntos referentes à crise que a classe atravessa, aprovando um parecer que levará à sanção do Conselho Inter-sindical Marítimo.

**Secção de Criados.**—Reuniu no dia 28, pela primeira vez, depois da sua nomeação, a Comissão de Secção após ter tomado posse dada pela Comissão Administrativa do Sindicato, tomando conta do expediente referente à sua acção.

Apreciou detalhadamente os relatórios morais apresentados pelos delegados de bordo dos paquetes "Africa" e "Portugal", resolvendo levar à sanção da próxima assembleia geral da classe as resoluções mais consentâneas que achou, concernentes aos mesmos.

Resolveu mais que, as reuniões da comissão se realizassem todas as terças-feiras, pelas 20 horas.

**Secção de Dispenseiros.**—Reuniu em assembleia geral no dia 23 para nomeação da Comissão de Secção, a qual ficou constituída por António A. Cesar Machado e António Pedro, ficando suspensa a mesma para continuação no dia 30 a fim de apreciar uma proposta para admissão de uns novos componentes da mesma.

**Secção de Enfermeiros.**—Reuniu no passado dia 21 a comissão desta secção, a fim de apreciar a atitude tomada por um componente da mesma, atitude esta que não só desrespeitou o delegado da secção, como também o delegado da classe. Sobre este assunto que foi bem escaldado, ficou assente por unanimidade que esse camarada ficasse suspenso das suas funções logo que chegasse da viagem, tomando outro caso, desse lugar internamente.

**S. U. da Construção Civil.**—Reuniu a comissão administrativa resolvendo enviar um delegado à reunião de hoje, às 18 horas, promovida pelos Músicos Portugueses, para a constituição de um Orfeão Operário, convidar os delegados à U. S. O. a virem buscar as suas credenciais e convocar assembleia geral para quarta-feira, devendo ser tratada a actual situação da classe trabalhadora e meios a adoptar para a defesa dos direitos da classe em face das intenções das forças económicas.

**S. U. da C. Civil.**—Secção Sindical de Belém.—Em assembleia geral aprovou o parecer da comissão revisora de contas do ano findo, resolvendo que estas ficassem à disposição de todos os sócios durante o espaço de 30 dias, podendo para o efeito os mesmos verificarem os livros de receita e despesa que se encontram ao dispor, todas as terças-feiras e sábados das 20 às 22 horas. Em seguida tomou conhecimento dessa moção, que foi aprovada por unanimidade, com o objectivo de em futuras crises de trabalho, o Sindicato desinteressar-se pelos não associados. Para este efeito foi resolvido associar-se, demonstrando o quanto é prejudicial à organização, o tratar de colocação de operários que não têm sabido cumprir com os seus deveres associativos.

**Sindicatos de profissionais de Imprensa.**—Reuniu-se anteontem e ontem a assembleia geral extraordinária, tendo tratado da maneira como se realizou o último acto eleitoral. Usaram da palavra vários oradores, não se tendo procedido a qualquer votação por terem sido retirados todos os documentos que sobre o assunto tinham sido enviados para a mesa. Foi lido o relatório da comissão de inquérito às festas do Jardim da Estréla, tomando-se as resoluções apontadas nesse documento e numa moção apresentada por Jaime Brasil. O relatório da comissão sobre o aumento de vencimentos foi aprovado por unanimidade. Antes de se encerrar a sessão, em nome da direcção, Jaime Brasil explicou que este organismo se encontra no propósito de realizar, no mais curto espaço de tempo, certas disposições estatutárias, entre as quais a organização das secções que é uma das mais urgentes para a ordenação da vida profissional. O orador expôs também os trabalhos já realizados para a aquisição de uma melhor sede, prometendo trazer à assembleia, em nome da direcção, o plano a levar a cabo para se obter esse "desideratum". Acrescentou que se pensa também em transformar a sala das sessões em sala de trabalho dos jornalistas e anunciou outros melhoramentos que mereceram o aplauso da assembleia. Propôs também um

voto de louvor à mesa pela maneira como dirigiu os trabalhos, e manifestou o seu regosio por ver o sócio Benófil completamente restabelecido. O presidente agradeceu o voto de louvor e declarou desconhecido que Benófil tivesse estado doente; de outro modo já teria interpretado o sentimento da assembleia, felicitando-o, pelas suas melhoras. Falaram ainda, antes de se encerrar a sessão, Abreu Vieira e Júlio Quintinha.

**Sindicato Unico dos Operários Municipais.**—Secção do Pessoal de Higiene.—Reuniu o pessoal desta secção, nomeando a sua comissão profissional, que ficou assim constituída: Herculano Simões, José Carvalho, António José Pereira, comissão que deve reunir na próxima sexta-feira.

#### CONVOCAÇÕES

**S. U. da Construção Civil de Lisboa.**—Para assunto urgente às 20 horas, as comissões administrativas das secções sindicais e profissionais, delegados do conselho de secções e conselho administrativo do sindicato.

**Secção profissional dos mecânicos em madeira.**—A comissão administrativa com os delegados de oficinas, pelas 21 horas, para um assunto de interesse para a classe.

**Operários Municipais.**—A comissão administrativa do sindicato, convida as comissões administrativas das extintas associações dos operários do município, jardineiros e construtores de macadam a reunirem hoje, pelas 21 horas, na sede sindical, para um assunto urgente.

**Federação Metalúrgica.**—Pelas 21 horas, a comissão administrativa, ordinariamente.

#### PARA DIAS PRÓXIMOS:

**Cabouqueiros e Fabricantes de Cal.**—Reúne amanhã, às 21 horas, a assembleia geral.

**Operários Municipais.**—A fim de a comissão de melhoramentos dar conta dos trabalhos efectuados, reúne amanhã, pelas 20 horas, na sede sindical, travessa da Agua de Flor, 16, 1.ª. A esta reunião deve comparecer em massa o operariado municipal.

#### SINDICATOS DA PROVÍNCIA

**Sindicato U. dos Operários da L. de Calçado, Couros e Peles do Porto.**—A nova Comissão Administrativa deste sindicato tem feito convergir as suas atenções para o serviço de cobrança, que mercê da pavorosa crise de trabalho que há meses vem afectando a indústria de calçado se encontrava desmantelada, encontrando-se no presente momento em vias de normalização.

Realizou-se já a primeira assembleia geral para a nomeação dos delegados à conferência inter-sindical, tendo sido nomeados: Felisberto Baptista e João Teixeira, sendo o terceiro delegado da Comissão Administrativa.

Foi também resolvida a aquisição duma nova sede, visto a actual não oferecer a menor comodidade e muito menos condições higienicas, sendo para esse efeito nomeada uma comissão que ficou com o encargo de arranjar os meios materiais para esse fim, e apreciada a vantagem ou desvantagem do Sindicato continuar a manter de pé o cartão sindical (cartão de fiança cedido aos associados pelo trabalho confiado pelos patrões para casa), ficando este assunto para ser resolvido numa nova assembleia atendendo ao seu melindre e depois de sobre o mesmo se fazer um rigoroso estudo.

Foi distribuído no dia 10 um manifesto a todos os componentes da indústria, no qual a Comissão Administrativa expunha os seus pontos de vista sobre a melhor forma de se fortalecer o sindicato, tendo sido acolhido com grande entusiasmo.

Na próxima semana, por iniciativa da Comissão Administrativa, devem realizar-se sessões de propaganda nos bairros onde os manufactores de calçado se encontram mais concentrados como sejam: Bairros da Lomba, Eirinhas, Antas e Paranhos, tendo-se já, na passada semana, realizado a primeira na sede da União Ferroviária, para os operários da Lomba.

Para serem tratados assuntos de importância orgânica, deve realizar-se brevemente outra assembleia geral.

**S. U. da Construção Civil de Almada.**—O secretário geral, convida a reunião hoje, às 20 horas, os militantes da classe para um assunto de interesse para a classe.

**Sindicato da Construção Civil de Sintra.**—Reúne hoje, às 18,30, a Comissão Administrativa.